

A FACE “GRAMATICAL” DE VARRÃO EM *DE RE RUSTICA* II*

Matheus Trevizam**
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Propomo-nos, neste artigo, discriminar e descrever como Varrão incorporou funcionalmente três tarefas do “gramático” (etimologia, explicação lexical e “anotação”) à composição do livro II de seu *De re rustica*.

PALAVRAS-CHAVE

Varrão reatino, *De re rustica* II, Gramática antiga

Ocupando-nos de divisar alguns constituintes de peso para a composição de *De re rustica* II, segundo dos livros da única obra do autor romano que chegou completa a nossos dias, não se pode deixar de ver a influência “gramatical”¹ como um dos pontos de maior destaque nesse fazer. Embora, considerando apenas a poligrafia de Varrão² e algumas esperadas “estranhezas” na veiculação dos discursos técnicos antigos,³ isso não nos devesse causar maiores surpresas, a própria extensão e importância da recorrência a certos procedimentos oriundos do saber “gramatical” greco-romano na parte pecuária de uma obra eminentemente destinada ao tratamento das diferentes partes da “agronomia” revela nítidas especificidades do autor diante de temas que não abordou de modo isolado na literatura latina.⁴

De fato, tem-se a impressão de uma forte sobreposição de discursos⁵ no modo como Varrão conduziu o tratamento do pastoreio e da lida animal no livro que nos interessa,

* Este artigo se insere como produção vinculada ao projeto “Tradução anotada e estudo dirigido do segundo livro do *De re rustica* de Varrão de Reate”, desenvolvido na FALE-UFMG pelo “Programa de auxílio para a pesquisa dos doutores recém-contratados”, com o apoio da PRPq.

** matheustrevizam2000@yahoo.com.br

¹ O motivo da aposição de aspas à palavra diz respeito, como demonstraremos ao longo do texto, à necessidade de distinguir a “gramática” antiga, de que aqui tratamos, dos modernos significados associáveis ao termo (gramática normativa, gramática como descrição científica das línguas naturais, gramática como esse mesmo funcionamento em si compreendido...).

² GRIMAL. *La littérature latine*, p. 205-221.

³ PERUTELLI. *Il testo come maestro*, p. 277-280.

⁴ No âmbito da literatura agrária latina, contam-se autores como Catão, o velho (o pioneiro), o próprio Varrão, o Virgílio das *Geórgicas* e Columela.

⁵ Por “discursos”, referimo-nos às enunciações provenientes de lugares sociais característicos, marcadas, entre outras coisas, pelas ideologias atinentes aos “espaços” de origem (TREVIZAM. Heterogeneidade discursiva e enunciativa das “Geórgicas” de Virgílio, p. 186, nota 3).

pois, como demonstra sua leitura, a “fala” das várias personagens ocupadas de esclarecer cada uma das partes da pecuária (de ovinos, caprinos, bois, porcos, animais de montaria e, periféricamente, cães e pastores) surge amiúde “contaminada” por algo *muito* distinto, não obstante, como adiante demonstraremos, de todo integrado ao fundo básico dos preceitos rústicos.

É importante, de início, estabelecer claramente a que nos referimos quando fazemos menção a esse saber “gramatical” veiculado também nas páginas do *De re rustica*. Ora, dotados da necessária distância, devemos remeter as pregressas investigações de gregos e romanos sobre aspectos atinentes ao campo da linguagem a uma prática especulativa *sui generis*, sem necessária relação de espelhamento com o que hoje se faz no âmbito da(s) gramática(s) ou da ciência linguística. Os historiadores da “linguística”, por sinal, têm sistematicamente inserido o nascimento das elucubrações sobre essa capacidade humana no âmbito primeiro da filosofia,⁶ de que o *Crátilo* platônico, com a conhecida controvérsia entre Hermógenes e a personagem homônima do diálogo, constitui um dos mais paradigmáticos exemplos. Nessa obra, de um modo afinado com o tema geral da “convencionalidade” ou “naturalidade” das práticas humanas no mundo,⁷ a primeira personagem inicia interagindo com Crátilo para posicionar-se favorável à ideia da mera convenção das línguas, de modo que apenas o acordo tácito entre os falantes garanta e tenha sempre garantido chamarmos cada coisa por “seu” nome. Numa segunda parte do texto, após a intermediação inicial de Sócrates, que fizera Hermógenes ceder da obstinada adesão ao convencionalismo linguístico, muda-se o foco para o dialogar com Crátilo, e veem-se os necessários acertos na “tese” naturalista para a qual, segundo explicamos em outras circunstâncias, Platão parece moderadamente inclinar-se.⁸

Para apresentar a Hermógenes a “semelhança” entre a língua grega e o mundo nos trechos do diálogo em que há tal enviesamento teórico, Platão concedeu a Sócrates (422a-427d) dividir os nomes a princípio postos pelo nomoteta, sob a segura direção de um dialético, entre derivados (caso de $\sigma\omega\mu\alpha$, compreendido como um “túmulo da alma”, a partir de $\sigma\eta\mu\alpha$) e primitivos, ou dotados de segmentos constitutivos em alguma medida “capazes” de evocar-lhes os significados (como se dá com o adjetivo grego $\lambda\iota\pi\alpha\rho\acute{o}\varsigma$ – “untuoso” –, em que a “líquida” “λ” repõe acusticamente a ideia da fluidez).⁹

Não há aqui, é evidente, como será o caso de outros textos antigos em que a reflexão sobre a linguagem se faz presente, algo como um sistemático tratamento dos “fonemas” ou “partes do discurso”: dedicado a refletir sobre temas de importância para o estabelecimento da ordem social, um filósofo *antigo* como Platão jamais poderia adiantar, anacronicamente, preocupações, métodos e, sobretudo, objetivos atinentes aos *modernos* investigadores da linguagem.¹⁰ As fases subsequentes do percurso especulativo greco-latino sobre a faculdade humana em questão também corroboram a necessidade dessa tomada de cautela.

⁶ LYONS. *Introdução à linguística teórica*, p. 4-5.

⁷ TREVIZAM. Das especulações “etimológicas” antigas: as contribuições de Platão e Varrão, p. 183.

⁸ TREVIZAM. Das especulações “etimológicas” antigas: as contribuições de Platão e Varrão, p. 181-182.

⁹ TREVIZAM. Das especulações “etimológicas” antigas: as contribuições de Platão e Varrão, p. 181-182.

¹⁰ TREVIZAM. Das especulações “etimológicas” antigas: as contribuições de Platão e Varrão, p. 186-187.

Assim, o que há no Aristóteles das *Categorias* e do *Organon*, para não detalharmos a particular especificidade do da *Retórica* e da *Poética*, são, sobretudo, preocupações de ordem semântica e com a organização lógica das frases, de um modo francamente direcionado para resultar na silogística, ou estudo da validade dos enunciados assertivos.¹¹

Em seguida, por remetermo-nos a “fases” do pensamento “linguístico” antigo de maior presença no pensamento de Varrão reatino, passamos a expor algumas ideias centrais dos estoicos e dos “filólogos” alexandrinos. Para os estoicos, na esteira de Zenão de Cício e Crisipo (século III a. C.), o fio condutor do estudo “linguístico” foi a questão da adaptabilidade, ou não, dos significantes aos significados: em que medida os significantes expressavam os sentidos que se vinculavam a eles?¹² Propugnando pela primitiva adaptabilidade plena dos primeiros aos segundos, vale dizer, por um estado ideal em que *todos* os vocábulos surgiram pelo recurso à onomatopeia, o fluxo das línguas em parte resultara, julgavam, no acobertamento desses elos “espontâneos” entre um e outro polo dicotômico.¹³ Em termos diferentes, foram os estoicos adeptos da “naturalidade” da linguagem humana, no sentido acima aludido quando mencionamos o *Crátilo*, e a fundamental importância por eles concedida à etimologia vincula-se aos intentos de recuperar diacronicamente algo da primitiva “verdade” das palavras.

Por outro lado, coube aos estoicos assumir a face dos defensores da “anomalia” da linguagem humana na época em que se pronunciaram: sem pretensões de submeter-se a padrões ordenadores absolutos, as línguas, no passado, tinham apenas “refletido” o mundo dos falantes *tal qual ele se apresentava*. Não enfatizaram, portanto, a regularidade dos paradigmas gramaticais como ponto essencialmente definidor da linguagem...¹⁴

Aos “filólogos” de Alexandria, por sua vez, cujos maiores expoentes foram sem dúvida o “homerista” Aristarco da Samotrácia (século II a.C.) e Dionísio Trácio (100 a.C.), coube assumir o papel de defensores da “analogia” linguística: diante de fenômenos como a generalidade de muitos mecanismos flexionais e derivacionais do grego, esses e outros eruditos atribuíram às línguas uma natureza não só “convencional”, como, ainda, “analógica”.¹⁵ Isso significa que, não tendo nascido do fortuito (embora, estoicamente, fiel) ajuste das palavras às coisas, as línguas de algum modo refletiriam em sua estrutura esse caráter ordenado de construtos da habilidade humana. Além disso, dedicando-se, no ponto de partida de seus desenvolvimentos teóricos, a fixar e estudar os textos literários de maior prestígio do passado helênico (sobretudo Homero), tais “filólogos” chegaram a estabelecer normativamente padrões de “correção” ou “pureza” para as diversas manifestações vernaculares possíveis.¹⁶

Como bem enfatizou Robins, a “gramática” dos alexandrinos (pensamos, antes de mais nada, na sucinta τέχνη γραμματική de Dionísio Trácio) nasceu como “parte de

¹¹ BARATIN; DESBORDES. *L'analyse linguistique dans l'antiquité classique*, p. 21-23.

¹² BARATIN; DESBORDES. *L'analyse linguistique dans l'antiquité classique*, p. 27.

¹³ LYONS. *Introdução à linguística teórica*, p. 4-6.

¹⁴ LYONS. *Introdução à linguística teórica*, p. 6-8.

¹⁵ BARATIN; DESBORDES. *L'analyse linguistique dans l'antiquité classique*, p. 34-38.

¹⁶ LYONS. *Introdução à linguística teórica*, p. 9.

um esquema mais amplo de estudos propedêuticos, que tinham por objetivo a adequada apreciação da literatura grega clássica”.¹⁷ Entre suas seis partes integrantes, então, para o mesmo historiador da linguística, apenas a relativa à “analogia” apresentava um caráter, segundo nossos atuais padrões, mais propriamente *gramatical*.¹⁸ Isso justifica, assim, nos dizeres de Pereira, a “clássica definição” da gramática, segundo Dionísio, como “o conhecimento prático do uso linguístico comum aos poetas e prosadores”.¹⁹

De um modo que não consideramos, em absoluto, inócuo para a tessitura de todo o *De re rustica* e, em específico, do segundo livro da obra, de que aqui nos ocupamos, Varrão também teve seu papel na história dos escritos “gramaticais” antigos. Como sabemos, o autor dedicou espaço em sua poligrafia à escrita do *De lingua Latina*, texto ocupado, como indica o próprio título, da discussão de fenômenos (etimológicos – livros II-VII –, morfológicos – livros VIII-XIII – e sintáticos – demais livros) atinentes ao latim, e uma das mais importantes fontes antigas, apesar de sua pesada mutilação, para o conhecimento do estado das discussões sobre a linguagem em sua época (século I a.C.).²⁰

Descrevendo alguns dos traços dessa obra, Casquero, prefaciador da edição espanhola do *De lingua Latina* de que nos servimos, enfatizou, além da tripartição temática acima aludida, alguns pontos que vale a pena lembrar. Em primeiro lugar, portanto, cada uma das grandes partes do “tríptico” se encontrava subdividida em duas, uma teórica e uma prática:²¹ sem podermos pronunciar-nos sobre os livros de todo perdidos, ou seja, sobre a “sintaxe” varroniana, entrevemos, pelo que nos resta, a dedicação dos livros V, VI, por um lado, e VII, por outro, à exposição *prática* da etimologia e dos usos dos poetas, e dos livros VIII e IX, respectivamente, à abordagem *teórica* das teses “anomalistas” e “analogistas”.

No estado em que essa obra chegou a nosso conhecimento, apenas subsistem cinco livros (V a X, esse último incompleto), com fortuito privilégio, dados os conteúdos preservados, da etimologia e da exposição da controvérsia entre os partidários da irregularidade ou regularidade da linguagem. Ora, perdas textuais computadas, as páginas supérstites (ou não) desse texto já evidenciam os débitos varronianos para com os estudiosos helênicos que o antecederam no mesmo âmbito especulativo: como vimos, a controvérsia da “anomalia”/ “analogia” encontrava-se em parte “prenunciada” desde o *Crátilo* platônico, com os embates das personagens entre uma visão “natural” ou “convencional” da língua grega. Os estudos frasais Aristotélicos, por outro lado, já contemplavam embrionariamente, com a mínima distinção entre “sujeito” e “predicado”,²² temas afins aos desenvolvidos no terço desaparecido da obra de Varrão. E, fundamentalmente, estoicos e alexandrinos concederam a respectiva atenção à etimologia e à “filologia”, ou estabelecimento e detida explicação de autores; quanto à etimologia, porém, não se lhe deve atribuir a predileção apenas aos

¹⁷ ROBINS. *Pequena história da linguística*, p. 25.

¹⁸ ROBINS. *Pequena história da linguística*, p. 26.

¹⁹ PEREIRA. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na “Institutio oratoria”*, p. 47.

²⁰ PEREIRA. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na “Institutio oratoria”*, p. 55-57.

²¹ VARRÓN. *De lingua Latina*, p. XXII.

²² ROBINS. *Pequena história da linguística*, p. 20 (referimo-nos, respectivamente, aos conceitos aristotélicos de *ónoma* e *rhêma*).

estoicos, pois, na supracitada *Arte gramática* de Dionísio Trácio, por exemplo, dedicara-se a quarta parte das seis totais a esse tema, embora sob pressupostos de base distintos.²³

A obra varroniana que analisamos presentemente não é, em absoluto, um espaço de específica agregação da discussão “linguística”. Na derradeira de suas composições, com efeito, Varrão de Reate optou por repartir a sistematização da vida e das práticas rurais produtivas em três grandes âmbitos, sendo eles (a) a agricultura, ou cultivo de todas as espécies vegetais de utilidade para o homem e seus rebanhos, (b) a pecuária do “gado” miúdo (carneiros, cabras...) ou graúdo (bois, cavalos, asnos...) e (c) a *uillatica pastio*, ou criação de pequenos animais nas casas-sede dos *fundi rustici* romanos.²⁴ Cada um desses macrodomínios temáticos, é importante ter em mente, desenvolveu-se em separado num dos três livros que compõem o conjunto da obra.

De uma maneira afinada com os intentos de atribuir alguma pátina literária a essa abordagem de assuntos tão triviais, Varrão, assim, soube dotar as respectivas partes de sua obra não só da especialização temática a que nos referimos, mas de toda uma “ambientação” harmonizadora dos conteúdos com a forma de tratamento a que se submetem. Exemplificando com o livro de que nos ocupamos presentemente, os nomes das personagens em interação (*Vaccius, Scrofa, Equiculus...*), a fim de desvelar-nos os meandros da criação animal segundo praticada na Roma republicana, mantêm evidentes nexos, conforme explicitamente dito pelo próprio Varrão em certo trecho do mesmo livro II,²⁵ com o universo pecuário. Embora se tenha perdido o início do primeiro capítulo deste livro, em que nos seriam oferecidas as coordenadas de espaço e tempo para a inserção do diálogo, à maneira do que temos nos outros dois, em uma “moldura” mais nítida, cogitamos que algo similar devesse dar-se também aqui. Se destacarmos, por outro lado, que Varrão recorreu ao expediente de atribuir ficcionalmente a personagens identificadas com reais contemporâneos e amigos seus o conjunto de todos os saberes de que intenta imbuir o leitor dos três livros do *De re rustica*, sempre ocorrendo que essa transmissão técnica se faça por meio de *conversas informais* entre os participantes, teremos motivos para ver na linguagem utilizada a fim de compor-lhes as falas um ponto de verossimilhança construtiva.²⁶ Ocorre, como ressaltou o clássico estudo de Saint-Denis, que certos traços estilísticos da “má” linguagem das personagens varronianas do *De re rustica* poderiam, na verdade, ser atribuídos ao esforço do autor de mimetizar com alguma coerência os contornos do *latim falado* em sua época, mais desprovido, como em geral se dá com a variedade oral dos idiomas, de amarras de construção ou normativas do que a escrita...²⁷

²³ ROBINS. *Pequena história da linguística*, p. 24-25 [“A gramática é o conhecimento prático do uso linguístico comum aos poetas e prosadores. Divide-se em seis partes: primeira, leitura exata (em voz alta), com a devida atenção à prosódia; segunda, explicação das expressões literárias das obras; terceira, preparo de notas sobre fraseologia e temática; quarta, descobrimento das etimologias; quinta, determinação das regularidades analógicas; sexta, crítica das composições literárias, que é a parte mais nobre da gramática”. – tradução do autor para a *propositio* da obra de Dionísio Trácio].

²⁴ GRIMAL. *La littérature latine*, p. 217.

²⁵ Cf. em seguida seção “etimológica” deste artigo.

²⁶ TREVIZAM. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*, p. 92-97.

²⁷ SAINT-DENIS. *Syntaxe du latin parlé dans les “Res rusticae” de Varron*, p. 141-162.

A face artística da obra agrária varroniana, porém, não significa que nos encontremos, ao lê-la, diante de um puro exercício de escrita, descomprometido com maiores intentos de tratar atentamente os conteúdos veiculados. A crítica e os historiadores da agricultura em Roma, por sinal, têm-se pronunciado em favor da validade do *De re rustica* como boa fonte técnica.²⁸ Apesar de relativamente conciso e, é evidente, limitado ao alcance dos saberes agrários e econômicos dos tempos de sua escrita, o *De re rustica* incorpora certo cabedal de conhecimentos oriundos de especialistas mais gabaritados que Varrão e, ainda, de fato organiza-se para contemplar os mínimos conteúdos necessários²⁹ para bem levar adiante empreendimentos agrícolas com as características básicas de cada um de seus três livros.

Portanto, sobretudo quando cotejado com seu genial e imediato sucessor no âmbito da literatura agrária latina, Varrão não privilegiou, por assim dizer, os exercícios de estilo em detrimento da informatividade, por mais banal e extenuante que pudesse parecer para quem buscasse nele um brilhante escritor... ou poeta. Dito com mais clareza, enquanto o Virgílio das *Geórgicas*, inclusive utilizando-se dos saberes coligidos no *De re rustica* e, é provável, de algo de sua *dispositio*,³⁰ soube ultrapassar os limites fechados dos campos itálicos para fazer de sua obra uma espécie de canto revelador das agruras do homem diante dos desafios da existência,³¹ Varrão manteve-se próximo do esperado de um tratadista ou mestre de uma arte qualquer, ou seja, antes de mais nada afinado com os intentos de instruir o público enquanto (como não?) eventualmente o divertia.

Isso significa, para o tema que concentra nossas atenções neste ensaio, que se devem entender absolutamente todos os recursos expressivos empregados por Varrão no livro II do *De re rustica* como algo posto a serviço da formação do público romano coevo. Faz-se necessário, aqui, lembrar a face intelectual de Varrão como mestre *eruditissimus* dos romanos de sua época;³² tendo-se dedicado a compor várias outras obras de utilidade para o conhecimento das instituições pátrias,³³ parece-nos que esse mesmo espírito de comprometido afeto às tradições romanas³⁴ e à sua veiculação permeia também este diálogo de fundo agrário, tema, como poucos, afim a alguns dos mais caros valores da latinidade.³⁵

Quais seriam, pois, os recursos de seu saber “gramatical” que Varrão põe a serviço dos leitores, evidentemente, dado o conteúdo geral do livro II do *De re rustica*, visando a esclarecer-lhes pontos variados dos assuntos pecuários? De que modo esses recursos, em princípio enraizados num *outro* discurso, articulam-se funcionalmente com os mesmos

²⁸ SKYDSGAARD. *Varro the scholar: studies in the first book of Varro's "De re rustica"*, p. 90.

²⁹ MARTIN. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*, p. 228-235.

³⁰ VIRGIL. *Georgics*, vol. I, p. 11 (comentário de R. F. Thomas às *Geórgicas*).

³¹ TREVIZAM. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*, p. 181ss.

³² QUINTILIANO. *Institutio oratoria*, X 1, 95.

³³ Cf., a esse respeito, a citação de Casquero, prefaciador da edição do *De lingua Latina* aqui seguida (VARRÓN. *De lingua Latina*, p. XXXI), aos *Academica posteriora* I 3, 9 de Cícero. Nessa passagem, por sinal, Cícero elogiara Varrão por ter publicado as *Antiquitates*, obra de investigação da origem de longínquos costumes romanos.

³⁴ TREVIZAM. Das especulações “etimológicas” antigas: as contribuições de Platão e Varrão, p. 186.

³⁵ ROBERT. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*, p. 13-63.

temas rústicos para gerar-lhes o esclarecimento? Para responder a tais questões, far-se-á, em primeiro lugar, necessário olhar para o maior número possível de ocorrências da intervenção do discurso “gramatical” varroniano nesse livro particular da obra de nosso interesse, separando-as em alguns tipos bastante característicos e, como se verá, por demais recorrentes para passarem despercebidos a qualquer leitor atento.

Quanto aos usos etimológico, de início, encontramos-los já no capítulo I de *De re rustica* II [i– “os gregos as chamaram μῆλα por sua voz”/ ii– “os nossos pela mesma voz, mas empregando outra letra (pois sua voz parece soar não ‘me’, mas ‘be’): falam que as ovelhas ‘balem’ a voz”/ iii– “por fim, a Itália não foi nomeada por causa de *uituli*, como escreve Pisão?”/ iv– “quando o povo romano é purificado com as *suouetauriliae*, erram em torno porcos, carneiros e um touro”/ v– “temos muitos nomes provenientes dos dois tipos de rebanho, o maior e o menor (do menor, Pórcio, Ovínio e Caprílio; mas, do maior, Equício, Táurio e Asínio)”/ vi– “os ditos ‘cognomes’, a exemplo dos Ânios Capras, dos Estatílios Tauros e dos Pompônios Vítulos, bem como muitos outros oriundos do gado”/ vii– “por causa dos animais se nomeou o próprio dinheiro”/ viii– “chamam-nas *chóron*, donde lhes vem o nome de *cordi*”/ ix– “aqueles que se chamam *subrumi*, isto é, ‘sob os úberes”], no capítulo III (x– “por causa dessas foi chamada a ilha Caprásia, ao lado da Itália”/ xi– “as cabras foram denominadas a partir de *carpere*”), no capítulo IV (xii– “antes se falou θῦς, daquele verbo que dizem θύειν, ‘imolar”/ xiii– “ao perderem o nome de leitões, são chamados *nefrendes*, porque ainda não podem *frendere* as favas, isto é, mastigar”), no capítulo V (xiv– “nele, decerto”, disse Vácio, “encaixa-se meu papel, pois os bois estão ali”/ xv– “especialmente na Itália, que se julga ter recebido o nome dos bois”/ xvi– “sei”, disse ele, “da grandeza dos bois e de que, a partir deles, derivam-se muitas palavras, como *busycos*, *bupais*, *bulimos*, *boopis* e também a uva *bumamma*”/ xvii– “de bois putrefatos, nascem dulcíssimas abelhas, mães do mel, pelo que os gregos as chamam de *bugenes*³⁶/ xviii– “um dia do calendário é chamado *hordicidia*, porque então se imolam vacas *hordae*”) no capítulo VI (xix– “mas Múrrio, tendo voltado com Lucieno enquanto Vácio falava”), no capítulo VII (xx– “Q. Módio Equículo, homem de grande coragem e filho de soldado”/ xxi– “na Grécia, os cavalos tessálicos pela Tessália; na Itália, os apulianos pela Apúlia e os roseanos de Rósea”), no capítulo IX (xxii– “e assim também se denominam, por causa das regiões, lacônicos, epiroticos, salentinos”), no capítulo XI (xxiii– “*rumis*, como antes se dizia, é úbere; de *rumis*, ainda agora se fala em carneiros *subrumi*, e em ‘lactentes’ de *lac*”/ xxiv– “a lã tosada há pouco foi chamada *sucida*”/ xxv– “dizem que os cilicianos deram tal nome porque essa tosa foi, no início, criada na Cilícia”).

No interior desse quadro de recorrências etimológicas, que esperamos abranger o principal de *De re rustica* II, podem-se fazer algumas distinções. Assim, notamos, Varrão, ciente da entrada de nomes gregos no latim desde épocas muito recuadas da vida social dos romanos, distingue entre as etimologias de palavras helênicas (μῆλα e “θῦς”)³⁷ e latinas (as demais). Como erudito com profundos débitos para com a tradição helênica,

³⁶ VARRÃO. *De re rustica*, II 5, 5 (do grego βουγενεῖς - “nascidas dos bois”).

³⁷ No primeiro caso, segundo Varrão (*De re rustica*. II 1, 6), as ovelhas; no segundo, com ligeira modificação varroniana da prosódia do grego clássico (ῦς), “porco”.

o autor, ele próprio desde jovem formado em Roma (pelo afamado estoico Élio Estilão) e Atenas sob influência da “gramática” e da filosofia acadêmica, estoica e pitagórica, não ignorava o grego e, como revelam partes³⁸ de uma obra mais especializada como o *De lingua Latina*, sequer deixou de recorrer a muitas comparações com o idioma alheio quando abordou o próprio.

Por outro lado, caso desejemos tipificar os mecanismos linguísticos envolvidos nas etimologias varronianas, haveria a onomatopeia (exemplos i e ii), a cunhagem a partir de um único termo progresso “aparentado” na forma e semanticamente ao novo, segundo as visões do autor (exemplos iii, v, vi, vii, viii, x, xi, xii, xiv, xv, xix, xx e xxiv), a junção de mais de uma palavra para resultar em outra (exemplos iv, ix, xiii, xvi, xvii, xviii, xxiii) e, com alguma licença,³⁹ o caso dos nomes pátrios (exemplos xxi, xxii e xxv).

Particularidades tipológicas à parte, podemos sempre aproximar o gesto varroniano de recorrer à ferramenta “gramatical” etimológica dos intentos de tornar os vários aspectos da vida rústica (léxico, costumes e ritos, maneiras práticas de operar, fenômenos alheios à particularidade itálica...) não só mais claros, mas, ainda, mais instigantes para seus leitores. Sobre a primeira dessas funções, vale aqui, recorrendo, até certo ponto, ao expediente mesmo do autor, evocar as origens do próprio termo “etimologia” a partir das raízes gregas ἔτυμος (“verdadeiro”) e λογία (“estudo/ investigação”): no âmbito estoico, em que, como vimos, as especulações “linguísticas” antigas receberam alguns de seus maiores impulsos, a prática etimológica era vista com o sentido da busca no passado do “verdadeiro” significado das palavras, havendo nisso, do ponto de vista das pressuposições teóricas envolvidas e dos métodos de abordagem, algo significativamente distinto de nossa atual compreensão. Pereira, assim, recordando os “abusos” que tal disciplina recebera nas mãos dos eruditos antigos, menciona, em citação de Desbordes, que bastava, para legitimá-la naquele contexto, serem os termos de algum modo “vinculáveis” semanticamente aos anteriores e poderem explicar-se segundo ao menos um das quatro categorias derivativas estabelecidas (adição, subtração, transposição ou substituição de segmentos fônicos).⁴⁰

Os antigos, em outras palavras, ao praticarem a *etymologia*, ou “busca dos significados verdadeiros” das palavras, careciam do senso de historicidade na determinação rigorosa dos mecanismos de mudança fonética, morfológica e semântica de que se valem os

³⁸ VARRÃO. *De lingua Latina*, VII 18 93 [em que Varrão compara, notando-lhes as semelhanças, várias palavras latinas e gregas designativas dos animais domésticos – *sus*/ ὕς (“porco”), *bos*/ βούς (“boi”), *taurus*/ ταῦρος (“touro”)...].

³⁹ Quando Varrão explica, por exemplo, no capítulo VII do *De re rustica* II, que alguns cavalos gregos são ditos “tessálicos”, por serem oriundos da Tessália, e alguns itálicos “apulianos”, por virem da Apúlia, apesar de divisarmos algo um pouco distinto das demais etimologias elencadas acima (pois, na verdade, tratando-se, em princípio, de adjetivos morfológicamente produzidos pela junção sincrônica de sufixos a topônimos, não seria preciso remontar pela diacronia a étimos), o próprio autor, em trechos do *De lingua Latina* (V 10, 71), parece autorizar-nos a compreendê-lo assim neste ponto. Na passagem citada de sua obra “gramatical”, então, Varrão enumera alguns nomes de deuses romanos (*Tiberinus*, *Velinia*...) assim denominados por relacionarem-se a termos geográficos pré-existentes (o rio *Tiber*, o lago *Velinus*).

⁴⁰ PEREIRA. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na “Institutio oratoria”*, p. 42. Daí, por sinal, as etimologias varronianas (ou de outros autores antigos) serem tão frequentemente “despositadas” aos olhos da ciência moderna.

modernos linguistas ou filólogos ao “etimologizarem”. Varrão, curiosamente, dedicara um livro inteiro do *De lingua Latina* (o segundo, que continha a seguinte rubrica: *cur ἐτυμολογική neque ars sit neque utilis sit*)⁴¹ ao ataque da disciplina, segundo, imaginamos, a exposição dos usuais argumentos de seus detratores antigos; ele mesmo porém, logo no terceiro livro (perdido) dessa obra, “retratava-a”, e, a julgar pela alentada proposição a sério de exemplos nos livros IV e V (bem como, é óbvio, ao longo de todo o *De re rustica*), parece ter-lhe concedido razoável crédito epistemológico.

O aspecto do “entretenimento” do público pelo viés da etimologia, por sua vez, parece-nos vinculado ao prazer da descoberta e a uma certa *uariatio* construtiva do texto. Como não imaginar, assim, que os romanos coevos a Varrão considerariam a etimologia proposta de *capra* (“cabra”), a partir de *carpere* – “arrancar” (esse animal era descrito como muito voraz na literatura agrária antiga!)⁴² –, saborosamente descritiva dos “vícios” do animal? Que dizer, por outro lado, das flagrantes pausas efetuadas por semelhantes momentos do olhar sobre pormenores obscuros da linguagem rústica? Sem deixarem de informar o público, a nosso ver fazem-no de um modo distinto da crua linearidade de oferecimento de preceitos agrários estritos. Faz-se necessário evocar, aqui, a própria natureza do público (razoavelmente culto, ao menos) a que o *De re rustica* se destinou ao ser pela primeira vez publicado: os *patres familias* detentores das maiores extensões de terra na agonia da república romana provavelmente poderiam divisar-se na imagem dos participantes dos diálogos agrícolas varronianos. À semelhança do próprio Varrão, personagem indefectível dos três livros desta obra, e de Tito Pompônio Ático (o amigo e costureiro correspondente de Cícero em suas *Epistulae ad familiares*), que aparece em sua segunda parte, não mais conduziam o arado *com suas próprias mãos*, mas, apesar de imbuídos dos refinamentos urbanos numa metrópole então cosmopolita como Roma, continuavam, por vezes, econômica e patrimonialmente vinculados à terra.⁴³ Isso justifica, assim, que Varrão pressuponha leitores, se não de todo alheios à singeleza dos campos, minimamente capazes e esperançosos, até, de um urdume textual algo menos rude do que o de um tratado técnico agrário em sentido estrito... Esse mesmo público, por sinal, talvez educado na filosofia e até na “gramática” à antiga, poderia folgar de reconhecer procedimentos consagrados em outros âmbitos de muito maior expressividade intelectual aplicados à trivialidade das *res rusticae*.

A segunda forma de agregação da “gramática” à composição do *De re rustica* II diz respeito à explicação de termos caracteristicamente associáveis à vida rústica. Embora os pressupostos e métodos varronianos sejam, aqui, distintos da “etimologia”, acreditamos que se trata de algo, até certo ponto, paralelo àquele domínio: nos dois casos, na verdade, procura-se, segundo explicamos ao tratar do significado da prática “etimológica” no mundo antigo, favorecer o afloramento de alguma face semântica “encoberta” para os leigos. Do ponto de vista da legitimidade de se considerar a elucidação sincrônica de termos rústicos algo afim ao fazer “gramatical” antigo, lembramos não só a destinação

⁴¹ “Por que a (arte) etimológica não é nem uma arte, nem útil”.

⁴² VARRÃO. *De re rustica* I 2, 18.

⁴³ GRIMAL. *La littérature latine*, p. 216.

de uma das partes da τέχνη γραμματική de Dionísio Trácio à “explicação das expressões literárias das obras”⁴⁴ como também, numa obra especializada como o *De lingua Latina*, a frequente recorrência varroniana ao comentário dos termos técnicos utilizados.⁴⁵

Exemplificando, enfim, as ocorrências de semelhante “lexicologia” aplicada ao âmbito agrário romano, notamo-la no capítulo I (i– “ainda agora, em vários lugares, há alguns tipos de manadas selvagens: de ovelhas, como na Frígia, onde são vistos muitos rebanhos, e de cabras, na Samotrácia, a que chamam em latim de *rotae*”/ ii– “a não ser quem julga que os javalis não se chamam porcos”/ iii– “como na Líbia, junto às Hespérides, donde Hércules levou *mala* dourados, ou seja, pelo uso antigo, ‘cabras e ovelhas’, da África para a Grécia”/ iv– “aqui, chamo de reprodução da concepção ao parto; eles, com efeito, são os limites inicial e final da prenhez”/ v– “desses últimos, os que já estão puros para os sacrifícios, a serem imolados, outrora foram ditos *sacres*”/ vi– “assim, os bois de engorda cevados para os sacrifícios públicos são ditos *opimi*”), no capítulo II (vii– “e assim, nossos ancestrais chamavam de *apicae* as que não o têm e rejeitavam”/ viii– “exceto a caolha, a surda e a *mina*, isto é, a de ventre sem pêlo”), no capítulo IV (ix– “pareces ignorar, disse, por que me chamo Escrofa; e assim, para que também eles saibam por tua causa, entende que minha *gens* não tem um nome suíno, nem provim de Eumeu”/ x– “com efeito, nossas mulheres e, especialmente, as nutrizes, chamam de *porcus* a parte que caracteriza o seu sexo nas moças, e os gregos de *chóeros*, indicando que é um distintivo apropriado para as núpcias”/ xi– “sobre a criação, a que chamam *porculatio*”/ xii– “tendo os porcos sido afastados dos úberes, são chamados de *delici* por alguns, e não mais de leitões”/ xiii– “os varrascos são castrados mais convenientemente com um ano, em todo caso, não menores de seis meses; isso feito, trocam de nome e, de varrascos, são chamados *maiales*”), no capítulo V (xiv– “em primeiro lugar, fala-se em quatro escalas de idade para a raça bovina, a primeira, dos bezerras, a segunda, dos vitelos, a terceira dos bois jovens e a quarta dos velhos”/ xv– “a vaca estéril é chamada *taura*; a prenhe, *horda*”), no capítulo VI (xvi– “há dois tipos deles; um selvagem, a que chamam de onagro, e de que há muitas manadas, por exemplo, na Frígia e na Licaônia”), no capítulo VII (xvii– “com auxílio do cocheiro; assim se chama quem põe para cobrir”/ xviii– “eles são chamados de castrados, como entre os porcos os *maiales* e, entre os galos, os capões”), no capítulo VIII (xix– “de uma égua, na verdade, e de um asno faz-se um mulo, mas de um cavalo e de uma asna, um macho”), no capítulo IX (xx– “entre os suínos, contudo, conseguem proteger-se, como os *uerres*, os *maiales* e as *scrofae*”), no capítulo X (xxi– “por outro lado, não lhes recusando os costumes deles, que se deitavam sem serem casadas e com quem quisessem as que chamam de ‘virgens’ e por vezes têm vinte anos”) e no capítulo XI (xxii– “depois de retirada e enovelada a lã, alguns a chamam de *uellus*, outros de *uellimum*”/ xxiii– “nas tragédias, os velhos são chamados *diphtheriae* por causa dessa pele”⁴⁶).

⁴⁴ PEREIRA. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na “Institutio oratoria”*, p. 47.

⁴⁵ Em *De lingua Latina* VI 1, 1, Varrão explica a diferença entre os casos “reto” (nominativo) e “oblíquos” do latim (os restantes, como o acusativo e o genitivo), nos termos seguintes: *rectum homo, obliquum hominis, quod declinatum a recto* – “reto *homo*, oblíquo *hominis*, porque se declinou do reto”.

⁴⁶ VARRÃO. *De re rustica*, II XI 11 (segundo observado por Hooper e Ash, “διφθερίας, coberto por um manto de couro” – p. 418 da edição Harvard do *De re rustica*).

Ao encarregar-se de encontrar etimologias e “elucidar” expressões do modo descrito, note-se que Varrão, sem, simplesmente, tomar textos alheios para abordá-los, fá-lo sobre a própria obra, de forma, mesmo, como propusemos desde o início, indissociável da composição do *De re rustica* e de suas funções, antes de mais nada, formadoras no âmbito da vida e das práticas rurais. Nesse ponto, apenas para tomar um paralelo contrastivo aleatório, os velhos estudiosos alexandrinos de Homero ou outros poetas quaisquer (a exemplo do supracitado Aristarco da Samotrácia) direcionaram sua metalinguagem, ao fazê-lo, para a produção alheia. Nesses termos, portanto, define-se indubitavelmente a metalinguagem varroniana do *De re rustica* II como extensiva sobreposição (ou, até, entrelaçamento!) “discursivo-gramatical” à abordagem dos temas agrários estritos.

O terceiro grande recurso às artes “gramaticais” antigas corresponde a uma espécie de comentário ou “aposição de notas” eruditas ao texto do *De re rustica* II: de fato, trata-se de passagens da obra em que, recorrendo à sua condição de estudioso da tradição literária e mítica greco-latina, Varrão “importa” para o corpo do texto dizeres “paralelos”, por assim dizer, visando a alargar os horizontes de saber do público.⁴⁷ Não se deve com isso entender um trabalho de anotação em sentido usual, mas, antes, a escrita imbricada, aos conteúdos de teor “puramente” pecuário, de trechos em que a mitologia e a literatura greco-romana, técnica ou não, auxiliam a estabelecer nexos enriquecedores com o universo focado em primeiro plano.

Numa tentativa de citar semelhantes passagens de maneira resumida, lembramos que, no capítulo I da obra, fazem-se menções explicativas aos conteúdos das obras de Tales de Mileto, Zenão de Cício, Pitágoras de Samos, Aristóteles de Estagira, do peripatético Dicearco, do historiador Pisão, do dramaturgo Plauto e do “agrônomo” Dionísio da Bitínia; além disso, seguidamente à apresentação de alguns epítetos “pecuários” dos homens nobres na dicção dos velhos poetas gregos e latinos, ao mito de Atreu e Tiestes, de Eetes e dos Argonautas, de Hércules, de Rômulo e Remo e do ciclo troiano; no capítulo III, de novo à lenda de Rômulo e Remo (através da evocação de Fáustulo, o pastor que os teria criado), à personagem homérica de Melântio e a Catão, o Velho, autor, entre outras obras, das *Origines*; no capítulo IV, à personagem homérica do porqueiro Eumeu, aos *Menecmos* de Plauto e à lenda de Eneias (através da porca branca que Ihe prenunciara, ao dar à luz trinta leitões brancos, a futura e feliz fundação de Alba-Longa); no capítulo V, aos mitos do rapto de Europa por Júpiter metamorfoseado em touro e de Netuno e Melanipa, além de às obras de Aristóteles (*Naturalis Historia*), do agrônomo cartaginês Magão e a uma anônima *Bugonia*; no capítulo IX, ao mito do dilaceramento de Acteão pelos galgos de Diana; no capítulo XI, por fim, a uma peça do dramaturgo romano Cecílio (*Hypobolimaetus*) e a outra de Terêncio (*Heautontimorumenos*).

⁴⁷ No *De lingua Latina* V 32, 150, Varrão, depois de propor duas etimologias para o nome *Curtius* (do sítio chamado *Lacus Curtius* no foro romano), não hesita em oferecer uma terceira, em que cita os historiadores latinos Quinto Lutácio Cátulo e, talvez, Lúcio Calpúrnio Epícado, à guisa de comentário final. Em que pese ao fato de as duas etimologias anteriores também se terem baseado em fontes literárias (a saber, analísticas), ou seja, de não termos aqui, como havia no *De re rustica* com o que chamamos livremente de “notas”, a “fuga” aos temas centrais ou, mesmo, ao procedimento comum de gerar conhecimento no entorno, persiste ainda o gesto de “alargar horizontes” comentando e, mais uma vez, recorrer à erudição “livresca” para tanto.

Que se ganha com semelhante “anotação” varroniana do texto “pecuário” de *De re rustica* II? Como anunciamos há pouco ao introduzir a questão, parece-nos difícil não ver em tais intervenções “paralelas” do autor uma tentativa de expandir e nobilitar os contornos das artes rústicas a que se dedica nesta obra. Ainda que os comentários presentes nessas “notas”, não se nega, possam parecer à primeira vista deslocados num texto de feições eminentemente *práticas* (em que a lembrança do porqueiro de Ulisses, na *Odisseia* homérica, ajudaria um criador de suínos a tratar de suas varas?), acreditamos em que também seja um serviço ao público de “pecuaristas” demonstrar-lhe a arraigada difusão das artes que o concernem em alguns dos mais célebres referenciais de cultura do mundo antigo.



RÉSUMÉ

On se propose, dans cet article, de discriminer et décrire comment Varron a intégré fonctionnellement trois tâches du “grammarien” (l’étymologie, l’explication lexicale et l’“annotation”) à la composition du deuxième livre de son *De re rustica*.

MOTS-CLÉS

Varron reatin, *De re rustica* II, Grammaire ancienne

REFERÊNCIAS

- BARATIN, M.; DESBORDES, F. *L'analyse linguistique dans l'antiquité classique*. Paris: Klincksieck, 1981. v. I (les théories). 269 p.
- CATO; VARRO. *On agriculture*. 9th. edition, with an English translation by W. D. Hooper and H. B. Ash. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006. 543 p.
- GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994. 643 p.
- LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Edusp, 1979. 545p.
- MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971. 405 p.
- PEREIRA, M. A. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na “Institutio oratoria”*. São Paulo: Humanitas, 2000. 195 p.
- PERUTELLI, A. Il testo come maestro. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (Org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno, 1989. v. I, p. 277-310.
- PLATON. *Cratyle*. Texte établi et traduit par L. Méridier. Paris: Les Belles Lettres, 1931. 229 p.
- QUINTILIAN. *Institutio oratoria*. With an English translation by H. E. Butler. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1922. v. IV, 556 p.
- ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985. 320 p.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Trad. Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. 216 p.

- SAINT-DENIS, E. de. Syntaxe du latin parlé dans les “Res Rusticae” de Varron. *Revue de Philologie*, Paris, année et tome XXI, p. 141-162, 1947.
- SKYDSGAARD, J. E. *Varro the Scholar: Studies in the First Book of Varro’s “De re rustica”*. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1968. 133 p.
- TREVIZAM, M. Das especulações “etimológicas” antigas: as contribuições de Platão e Varrão. *Classica*, São Paulo, v. 15/ 16, n. 15/ 16, p. 179-188, 2002/ 2003.
- TREVIZAM, M. Heterogeneidade enunciativa e discursiva nas “Geórgicas” de Virgílio. In: BARBOSA, M. V.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Org.). *Caderno de qualificações*. Campinas: UNICAMP, n. I, p. 185-198, 2005.
- TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. 2006. 526 f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL-UNICAMP, Campinas, 2006.
- VARRÓN. *De lingua Latina*. Edición bilingüe. Introducción, traducción y notas de M.-A. M. Casquero. Barcelona/ Madrid: Anthropos/ Ministerio de la Educación y Ciencia, 1990. 574 p.
- VIRGIL. *Georgics*. 3rd. edition by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. v. I, 276 p.